

LUGARIDADES AMAZÔNICAS: UMA LEITURA A PARTIR DOS PIRATAS DO RIO SOLIMÕES NO AMAZONAS

Amazonian placeness: a reading from the Solimões River pirates in the Amazonas

Kristian Oliveira de Queiroz¹

RESUMO

Esse artigo visa discutir as ações dos piratas do rio Solimões no Amazonas a partir da produção de lugares do crime criados por meio das suas experiências e habilidades adquiridas no seu espaço vivido enquanto caboclos e ribeirinhos. A área de pesquisa é o trecho entre Tefé e Coari, as maiores cidades dessa região. Via o levantamento bibliográfico e entrevistas realizadas no trabalho de campo propõe-se discutir o uso do território a partir dos excluídos, as pessoas comuns do rio Solimões que vivem a regra social deturpada, onde os marginais podem ser vistos como um produto do seu espaço de vida criando lugares com fortes qualidades provindos de sua identidade regional: lugaridades amazônicas. Esse artigo auxilia na compreensão do uso marginal do território brasileiro na Amazônia onde o conhecimento das tradições e os saberes da floresta municiam as ações dos piratas fluviais nessa fração do maior rio do mundo.

Palavras-chaves: Pirataria fluvial. Produção de lugares. Tefé. Coari.

ABSTRACT

This article aims to discuss the actions of the Solimões river pirates in the Amazonas from the production of crime places created through their experiences and skills acquired in their lived space as caboclos and riverside people. The research area is the stretch between Tefé and Coari, the largest cities in this region. Through the bibliographic survey and interviews carried out in the field work, it is proposed to discuss the use of the territory through the excluded, the common people of the Solimões river who live the distorted social rule, where the marginals can be seen as a product of their space of life creating places with strong qualities coming from their regional identity: Amazonian placeness. This article helps to understand the marginal use of Brazilian territory in the Amazon, where knowledge of traditions and of the forest represent ammunition for the action of river pirates in this part of the largest river in the world.

Keywords: River piracy. Production of places. Tefé. Coari.

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). kssqueiroz@gmail.com.

✉ Centro de Estudos Superiores de Tefé, Estrada do Bexiga, 1085, Jerusalém, Tefé, Amazonas. 69470-000.

INTRODUÇÃO

Na Amazônia, os rios são as veias da vida de relações onde os fluxos da circulação regional integram e abastecem as populações das cidades ribeirinhas. A Bacia Amazônica é composta pelos afluentes e subafluentes do maior rio do mundo em volume d'água, o rio Amazonas, cenário de fenômenos naturais e antrópicos diversos.

O rio Solimões no estado do Amazonas é o segundo trecho do grande rio Amazonas após o Marañon peruano; banha as cidades desde a tríplice fronteira com a Colômbia, Peru e Brasil até as proximidades da metrópole Manaus quando encontra o rio Negro e assume definitivamente o nome batizado por Francisco de Orellana em homenagem às índias guerreiras da lenda grega: rio Amazonas. As características físicas e as dimensões deste "rio-mar" com 1.620 quilômetros de extensão o configuram como uma hidrovia natural (Machado, 2014) fundamental para a logística das cidades desta fração do país sem rodovias e ferrovias com poucos aeroportos disponíveis à população.

No entanto, muitos riscos e perigos naturais inerentes aos rios da Bacia Amazônica exigem experiência das tripulações das embarcações. Refere-se aos inúmeros caminhos do labirinto amazônico composto por rios, furos, igarapés e paranás; onde a força das águas do jovem rio Solimões reverbera o vigor de fenômenos físicos como o rebojo ou redemoinhos gigantes; os banzeiros, nome regional para as ondas produzidas pelas águas em grandes temporais; as trombas d'água, parecidas com pequenos ciclones sob a superfície dos rios; e principalmente, o excesso de matéria orgânica como fragmentos de vegetação e troncos de árvores que danificam as hélices das embarcações.

Dentre os perigos antrópicos mais temidos pelos passageiros do transporte fluvial bem como pelas populações ribeirinhas rurais e urbanas da região os piratas aparecem como os mais preocupantes. São responsáveis pelo pânico e temor nos rios em razão dos assaltos, homicídios e outros crimes efetuados na região do rio Solimões. Esse artigo visa discutir as ações dos piratas do rio Solimões no Amazonas a partir da produção de lugares do crime no território por meio das suas experiências e habilidades adquiridas no seu espaço vivido enquanto caboclos e ribeirinhos. A área de pesquisa é um dos trechos com maior presença dos piratas, entre os maiores centros urbanos do rio Solimões, as cidades de Tefé e Coari (Figura 1).

A cidade de Tefé é o centro gestor do território nessa região (IBGE, 2017; Queiroz, 2018) exerce uma centralidade periférica (Queiroz, 2016) importante para a manutenção dos fluxos irradiados às outras cidades de sua Região Geográfica Imediata e Intermediária bem como à capital Manaus (Queiroz, 2019). A cidade de Coari, em contrapartida, é sede das atividades de exploração de gás natural e petróleo da Petrobrás vinculada à Província Petrolífera do Urucu onde o movimento de embarcações e pessoas é significativo em razão dos fluxos oriundos da produção de hidrocarbonetos.

A leitura do ambiente pelos piratas fluviais da Amazônia e o seu modo de usar o conhecimento caboclo apreendido em suas vivências representam habilidades úteis para manusear o espaço em ataques e fugas nos afluentes e subafluentes do rio Solimões. Esse conhecimento ribeirinho propicia o desenvolvimento e o aprimoramento de estratégias no uso ou construção de lugares com funções definidas, como os esconderijos nos igapós, nas praias e na selva para esconder produtos de roubos. Via o uso de lanchas potentes e versáteis os piratas do rio Solimões aprimoram sua mobilidade contribuindo para diferentes formas de abordagens

Lugaridades amazônicas: uma leitura a partir dos piratas do Rio Solimões no Amazonas

Kristian Oliveira de Queiroz

criminosas tanto às embarcações de narcotraficantes, do transporte fluvial e das forças de segurança estatais quanto às populações ribeirinhas.

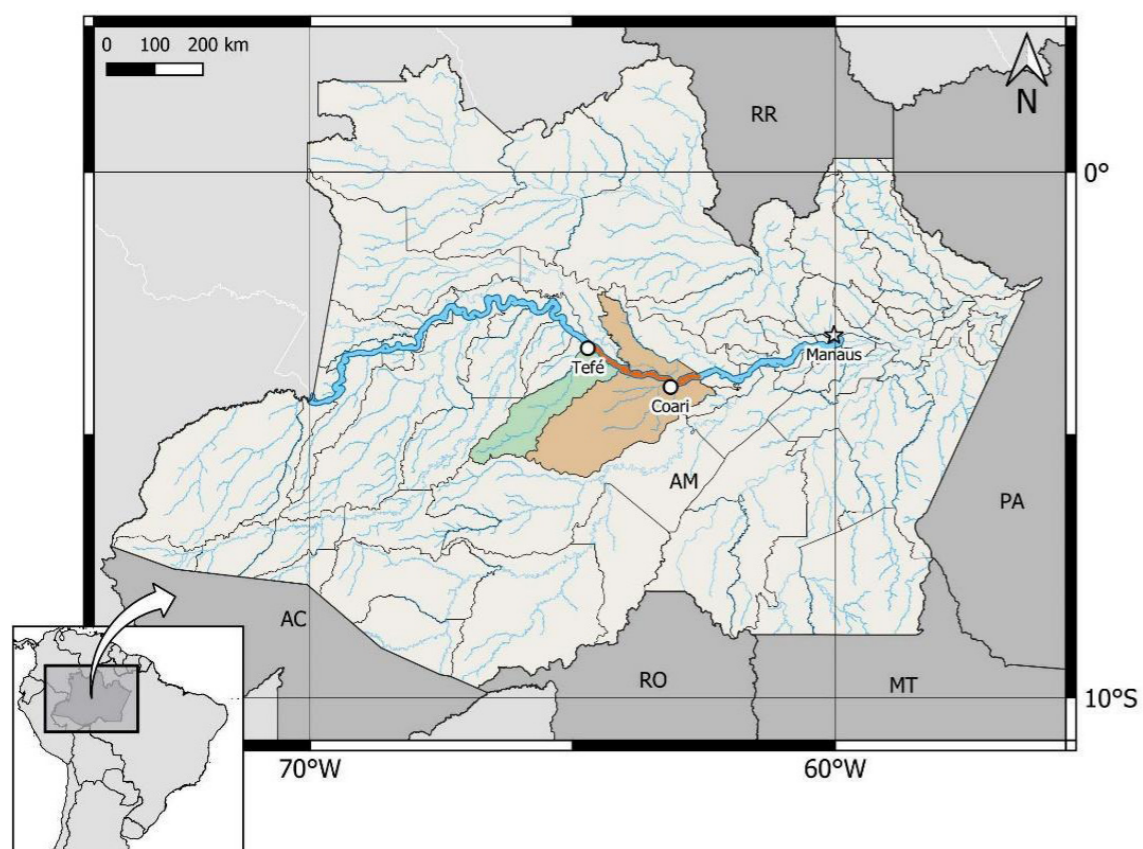


Figura 1 – Mapa dos municípios de Tefé e Coari no Amazonas

Fonte: K. O. de Queiroz, 2023.

Situações geográficas (Silveira, 1999) deflagradas a partir do encontro e da reunião de caboclos piratas providenciam a produção de lugares com fortes contextos culturais regionais amazônicos reconhecidos como lugaridades amazônicas; produto dos conhecimentos, experiências e habilidades caboclas valorosas para a produção de lugares funcionais às atividades criminosas nos rios da região. Sob essas circunstâncias, os piratas do rio Solimões não podem ser vistos somente pelos crimes que

praticam. Representam as desigualdades, as contradições sociais e econômicas inerentes à região; suas ações nefastas revelam a debilidade e a vulnerabilidade do território quando produzem os riscos e ameaças às pessoas, às instituições, às firmas e à circulação fluvial. Por essa razão esses sujeitos possibilitam serem identificados como expressões territoriais amazônicas. Essas hipóteses guiam essa pesquisa.

A metodologia desse artigo se amparou no levantamento bibliográfico e documental bem como no trabalho de campo realizado nos municípios de Tefé e Coari. Foram realizadas entrevistas institucionais em Manaus, na Delegacia Geral da Polícia Civil e Delegacia Fluvial; em Tefé, no 3º Batalhão de Polícia Militar; e em Coari, na Base Arpão, unidade fluvial multi-institucional no combate ao narcotráfico e à pirataria no Amazonas situada no rio Solimões.

Somou-se aos procedimentos de realização da pesquisa o uso do aporte metodológico fenomenológico com o intuito de contribuir para a leitura dos homens piratas e de sua geograficidade (Dardel, 2015) que exprime a natureza do trato e familiaridade entre as pessoas e o meio. Seus anseios e perspectivas podem ser compreendidos via a contribuição metodológica de uma geografia humanista fenomenológica onde o entendimento da forma como o espaço é percebido, vivenciado e utilizado pelo caboclo-pirata propicia a apreensão dos princípios e as crenças pertinentes à identidade regional subjetiva inscrita no grupo social a que está inserido. A filosofia fenomenológica contribui para compreender o espaço vivido dos indivíduos por intermédio do vislumbamento da experiência como a circunstância que

providencia a manifestação do fenômeno, percebido via nossas próprias experiências (Marandola Jr., 2014).

Sob esse contexto pode-se refletir o pirata-caboclo como o indivíduo que se encontra na contramão da inserção social, vítimas da globalização em razão de seus lugares de convívio passarem a ser compostos pelo panorama das desigualdades, por atos comunitários de violência e de exclusão. Dessa forma, esse artigo auxilia na compreensão do uso marginal do território amazônida e do conhecimento de tradições e saberes da floresta que permitem a continuidade de ações piratas nessa fração do maior rio do mundo, o rio Solimões.

OS PIRATAS DO RIO SOLIMÕES

A Amazônia não é um vazio demográfico como muitos autores afirmam. Há vida, cultura, tradições, costumes, saberes herdados de povos indígenas, migrantes nordestinos e sulistas provenientes de colonizações recentes assim como colonizadores europeus de antigas colonizações. Estes providenciaram técnicas e habilidades no manejo de recursos naturais desenvolvidas durante gerações nos infindáveis lugares amazônicos; riqueza cultural cristalizada em conhecimentos que permitem aos povos da floresta, representados pelos caboclos ribeirinhos, indígenas e habitantes das cidades na selva (Trindade Jr., 2010) viverem em ambientes complexos. Um meio geográfico singular onde a modernização e os ventos da globalização enfrentam resistência e se estabelecem de maneira parcial e incompleta, produzindo uma integração territorial relativizada (Queiroz, 2017).

A baixa densidade demográfica não significa que as relações empreendidas pela sociedade amazônida é incipiente, se assim

fosse não havia as comunidades tradicionais rurais, nem cidades ou metrópoles na região. Ecúmenos relevantes são mantidos pelo vigor dos fluxos de pessoas, ideias e mercadorias transportadas, em sua maioria, pelo caminho das águas amazônidas.

A força do ser, da vontade e da esperança daqueles que vivem nesses espaços distantes dos centros de decisões políticas e econômicas do país representa a maior virtude da região; a umidade e o calor não depreciam a expectativa e confiança no poder das possibilidades, viver para criar um amanhã melhor em uma das regiões mais pobres do país. O poder da reunião, do encontro e dos “aconteceres” desses povos da selva mais densa e rica em biodiversidade do mundo produz interpretações da realidade que forjam relações entre a imaginação e o real, a base para a construção de lugaridades, a qualidade fundamental do lugar.

Os homens e as mulheres amazônidas precisam criar, imaginar para viver com o escasso, com o distante e com o limitado. A carência provocada pela pobreza crônica e as desigualdades sociais desenvolvem uma identidade relegada dos direitos e deveres que compõem a cidadania praticamente negada às populações amazônidas em função da escassez ou mesmo ausência de elementos espaciais representadas pelas instituições, infraestruturas, empresas e pessoas (Santos, 2012).

Nesse cenário político e social, alguns sujeitos com personalidades mais voláteis e tendências à perversidade, sem educação escolar e nenhuma qualificação profissional sentem o choque da languidez de sua realidade periférica a partir da pouca acessibilidade aos serviços básicos do Estado que proporcionem dignidade e inclusão social. As informações do mundo que lhes são disponíveis acabam por exibir as vitrines da modernidade: as drogas, os bens inalcançáveis da vaidade e os sonhos; configurados como os pilares do consumo

desenfreado característico da pós-modernidade e as pontes de acesso ao vício e aos desejos utópicos.

Sob essas perspectivas, a vida bandida, exposta à morte, “vida nua ou vida sacra” (Agamben, 2007, p. 96) é o caminho que lhes resta; nessa configuração social esses sujeitos se assemelham ao “lumpenproletariado”¹ (Marx, 1978, p. 70; Marx; Engels, 1980, p. 88) ou o enfático protoproletariado (Armstrong; McGee, 1985); formado por sujeitos devassos e sem comprometimento com a sociedade; visam apenas viver o presente por meio das relações criminosas provenientes da falta de perspectivas para alcançar posses, poder de consumo e melhor qualidade de vida (Queiroz, 2022). A pirataria fluvial² se torna um caminho aprazível para esses sujeitos alcançarem essa meta.

As ocorrências dos ataques piratas no rio Solimões são relatadas todos os dias na Base Arpão em Coari (Capitão Vilarindo, Comandante da Base Arpão, Coari, 29 ago 2022)³; são denúncias

1 Sociedade beneficente 10 de dezembro criado por Luís Bonaparte em 1849 o lumpenproletariado de Paris era composto por decadentes, de fortuna e origem duvidosa, arruinados, aventureiros rebentos da burguesia, vagabundos, soldados desligados do exército, presidiários libertos, chantagistas, saltimbancos, punguistas, trapaceiros, jogadores, alcoviteiros, donos de bordéis, carregadores, soldados, mendigos, ou seja, uma massa indefinida e desintegrada chamada *La Boheme*; escória, refugio de todas as classes (Marx; Engels, 1980, p. 88-89)

2 O conceito de pirataria adotado em 1982 na “Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar” (CNUDM) no artigo 101 dispõe que a pirataria se realiza apenas em alto mar ou em território não reconhecido como Estado; ou seja, a pirataria é marítima e não fluvial. Enfatiza-se que se admite o nome “piratas fluviais” para denominar esses meliantes dos rios da bacia amazônica em função das operações das forças de segurança estatais já reconhecerem o combate aos piratas dos rios amazônicos em projetos públicos como o Programa Vigia que estabelece as Bases Arpão e Tiradentes nos rios Solimões e Japurá (Queiroz, 2022)

3 As entrevistas foram concedidas ao autor e alguns dos nomes foram substituídos por nomes fictícios

direcionadas por ribeirinhos moradores de comunidades tradicionais da região do Médio Solimões entre Tefé e Coari; e tripulantes das embarcações averiguadas nesse ponto do grande rio onde há fiscalização em todas as embarcações que circulam no respectivo trecho entre as duas cidades. A Base Arpão é uma balsa fluvial que sedia o centro de operações de forças de segurança pública do Estado; nessa embarcação *ferry-boat* agentes da Polícia Militar, Civil, Bombeiros, Força Nacional e Marinha compartilham a mesma missão de combater o narcotráfico e a pirataria no rio Solimões.

A capacidade de resposta às ações piratas e aos narcotraficantes na região pelas forças de segurança do Estado existe, mas é muito pequena; as operações são custosas em razão da grande quantidade de combustível necessária e de mantimentos aos homens que chegam a ficar semanas em missões de patrulha na selva fluvial navegando nos afluentes e subafluentes do Solimões (Coronel Pedro Moreira, Comandante do 3º Batalhão da Polícia Militar do Amazonas. Tefé, 14 ago 2022). Uma luta honrosa frente a ínfima condição de vitória. Os fluxos de narcotraficantes oriundos dos rios fronteiriços com a Colômbia e Peru são constantes; esses são os principais alvos, vítimas ou objetivos dos piratas. Nessas investidas os piratas do rio Solimões se apoderam das drogas, combustível, lanchas, motores e armas de grande calibre, tais como: submetralhadoras, fuzis, pistolas e até granadas. Assim, se fortalecem e se especializam no ataque às vítimas mais complexas que variam de postos combustíveis flutuantes (pontões); instituições públicas (escolas e hospitais), embarcações militares e civis.

Nem todos os piratas são peritos no manejo do território, no conhecimento dos caminhos amazônicos e no gerir dos recursos que permitem adaptação das ações criminosas nas águas da bacia

Lugaridades amazônicas: uma leitura a partir dos piratas do Rio Solimões no Amazonas

Kristian Oliveira de Queiroz

do Solimões. Alguns são bandidos profissionais perversos⁴; orientam os caboclos-piratas no crime por um período de tempo até estes assumirem seu próprio caminho na vida mediante acumulando desregramentos penais e proporcionando respeito aos membros do bando (Sr. Jaime [Nome alusivo], Comerciante e ex-pirata. Coari, 20 ago 2022).

Dessa forma, os ofícios de agricultor, pescador, extrativista ou comerciante de produtos naturais pertinentes à uma divisão territorial do trabalho própria da realidade das comunidades tradicionais amazônicas não atraí mais o indivíduo encantando com as possibilidades da vida onde as leis e as regras sociais são esparsas e remotas. O convite à “vida nua” (Agamben, 2007, p. 96) inflama a perversidade do sujeito *outsider*, assumindo sua personalidade delinquente qualificada com as habilidades e experiências do ser-do-mundo amazônico.

Sob esse panorama de possibilidades, os seus saberes; seu conhecimento prévio; sua geografia particular construída pelas experiências que compõem seu espaço vivido nos rios, igarapés, furos e paranás; sua maneira e modo de perceber os recursos a serem utilizados para fabricar objetos na selva; sua capacidade de ler o tempo, as chuvas, os cardumes de peixes, ouvir os sussurros e localizar animais na mata para se alimentar; suas aptidões em criar lugares e compor lugaridades amazônicas úteis à sobrevivência cabocla; todas essas habilidades vão servir ao crime, à pirataria fluvial no rio Solimões (Figura 2).

Esses caboclos moradores de comunidades tradicionais com no máximo 40 casas possuem vida comunal cotidiana simples de artefatos materiais e tecnologias modernas, porém rica de experiências e situações que envolvem as pessoas e o esplendor ou generosidade da floresta. Relegar ou

⁴ “Perverter” vem do latim *pervertere*, ou seja, “deturpar”, o perverso é aquele que quer ignorar a lei, e “perverter os outros, seduzindo-os, desviando-os do bom caminho e introduzindo-os, através do seu “mau exemplo”, em seu universo de perversão” (Vignoles, 1991, p. 22)



Figura 2 – A comunidade Jutica no rio Solimões no município de Tefé(acima); casas da comunidade de Santa Rosa no rio Solimões em Coari, antigo reduto pirata antes da presença da Base Arpão (abaixo)

Fonte: K. O. de Queiroz, 2023.

desconsiderar o lugar comum, representado pela comunidade em que o indivíduo foi criado e viveu durante toda sua vida para entrar no mundo da pirataria não significa extinguir os lugares e as lugaridades; mas utilizar essas habilidades adquiridas como instrumentos e capacidades qualitativas do caboclo-pirata; técnicas e saberes de grande interesse dos bandidos contratantes, mandantes de emboscadas na selva considerados por muitos como chefes dos piratas (Capitão Vilarindo, Comandante da Base Arpão, Coari, 29 ago 2022).

Esses são comerciantes das cidades de Tefé e Coari detentores de informações privilegiadas sobre os percursos

Lugaridades amazônicas: uma leitura a partir dos piratas do Rio Solimões no Amazonas

Kristian Oliveira de Queiroz

de narcotraficantes ou trajetos de cargas valiosas de determinadas embarcações que navegam em certos trechos vulneráveis aos ataques de piratas fluviais e longe do policiamento das forças de segurança do Estado (Polícia Militar, Polícia Federal, Polícia Civil, Exército, Marinha, etc.).

Grande parte dos caboclos-piratas que atuam no trecho entre Tefé e Coari se originam de comunidades pertencentes aos municípios da Região do Médio Solimões no Amazonas (Figura 3); principalmente de: Jutai, Fonte Boa, Uarini, Alvarães, Tefé, Coari e Codajás no rio Solimões; bem como Maraã e Japurá no rio Japurá. Reunidos, esses municípios somam 844 comunidades com uma população rural de 84.604 pessoas e uma população urbana de 167.926 habitantes (Tabela 1).

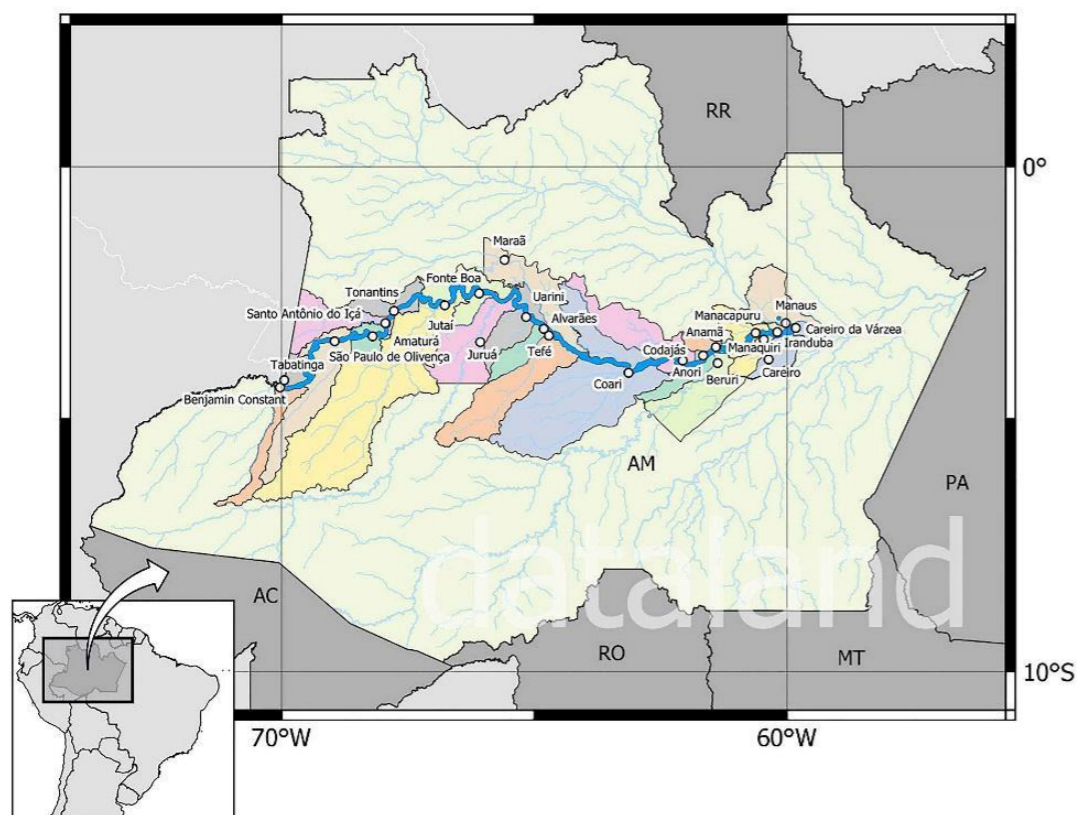


Figura 3 – Mapa da região do Solimões no Amazonas

Fonte: K. O. de Queiroz, 2022.

São localidades onde a população convive com as ameaças e os riscos da pirataria, sendo expostos aos perigos da criminalidade nos rios em seu cotidiano; nessas circunstâncias essas pessoas padecem de uma vulnerabilidade existencial, social e ambiental proveniente da vulnerabilidade do território.

Tabela 1 – Quantitativo de comunidades e da população das cidades dos municípios de origem dos piratas do rio Solimões no trecho entre Tefé e Coari

Municípios	Número de Comunidades	População Rural	População Urbana
Tefé	107	11.384	50.069
Coari	206	26.314	49.651
Jutai	100	7.704	10.552
Fonte Boa	160	7.702	15.115
Uarini	40	5.096	6.795
Alvarães	55	6.201	7.887
Codajás	48	7.400	15.806
Maraã	96	8.775	8.753
Japurá	32	4.028	3.298
TOTAL	844	84.604	167.926

Fonte: K. O. de Queiroz, 2017; IBGE 2013.

Os piratas provenientes das comunidades tradicionais do Solimões são acostumados desde a infância ao entretenimento de pescar e caçar em grupos definidos por períodos de tempos distribuídos entre dias ou semanas. Nessas situações diversos locais passam a fazer parte de seus itinerários onde posteriormente constroem lugares com fortes lugaridades em razão do grupo estabelecer acampamentos provisórios nas praias ou na selva; ali todos comem, dormem e trabalham em suas atividades corriqueiras, tais como: na pesca

Lugaridades amazônicas: uma leitura a partir dos piratas do Rio Solimões no Amazonas

Kristian Oliveira de Queiroz

de peixes grandes como o pirarucu ou de tartarugas da Amazônia (Tracajá, laça, Capitari, Zé Prego, entre outros tipos e nomes regionalizados); ou na caça de porco do mato, paca, anta, etc. Situações que exigem o estabelecimento ou construção de lugares funcionais propiciando a construção de lugaridades amazônicas reveladas pelo encontro do grupo com a necessidade de dominar técnicas para sua sobrevivência por intermédio de circunstâncias diferentes tanto lúdicas e recreativas quanto fatigantes e perigosas.

Os piratas como bandidos dos rios estabelecem seu objetivo primordial vinculado à obtenção de riqueza, a acumulação do maior número de bens possíveis por meio dos crimes cometidos; todos buscam posses e fortuna. Os crimes que cometem talvez revelem o tesouro pirata na selva: o verdadeiro objetivo desses sujeitos. Opção de vida escolhida que revela a única rota traçada e mesmo assim com pouca lucidez, uma vereda vislumbrada por homens degenerados traçando por meio da vida bandida o caminho particular em forma de horizontes nebulosos. Muitos deles são viciados em drogas, alcoólatras sem destino encontrando um sentido ou lugar na vida aventureira da delinquência nas águas da selva. O pirata Marcelo (nome alusivo, bairro Colônia Ventura em Tefé. 10 out 2022) alega que esses marginais dos rios “na realidade não passam de pessoas simples”. Contudo, o homem simples ou comum vive nas relações do cotidiano tanto das comunidades quanto das cidades; com valores e conhecimentos banais, pouco eruditos, abstêmios dos lugares da racionalidade e da modernidade contemporânea. São pessoas com menor esclarecimento do seu papel social; sujeitos historicamente menos reconhecidos e politicamente menos elucidados dos seus deveres e direitos que compõem as bases da cidadania.

As lugaridades amazônicas enquanto o produto das relações entre o sujeito ribeirinho e a região em que estão inseridos explicita

o modo-de-ser do caboclo amazônico. A reflexão sobre os impactos das ações de marginais ribeirinhos no dia a dia das populações que habitam as comunidades nas margens do rio Solimões; nas tripulações das embarcações do transporte fluvial regional; nos moradores das cidades; permite perceber, reconhecer, identificar e discutir os entraves e gargalos do território corroborando para as ações e as repercussões dos feitos criminosos dos elementos piratas.

Nesse contexto, as vulnerabilidades do território se apresentam como fragilidades do espaço; ou seja, a rarefação de instituições, infraestruturas, empresas e pessoas (os elementos do espaço) proporciona lacunas territoriais preenchidas pelas dinâmicas de atividades ilegais via a construção de lugares com lugaridades definidas funcionalmente para o crime. Logo, as lugaridades amazônicas produzidas pelos piratas do rio Solimões permitem: i) a produção de locais de emboscadas ou lugares para tocaias, ataques ou investidas aos narcotraficantes no labirinto fluvial amazônico; ii) a elaboração de estratégias de combates contra as forças de segurança estatais utilizando o conhecimento de itinerários e atalhos nos caminhos fluviais como vantagem; iii) a construção de lugares utilizados como esconderijos para os produtos de roubo e para o próprio bando viverem dos recursos da floresta a partir de suas habilidades e experiências caboclas.

As táticas e critérios do uso e produção de lugares com fortes lugaridades pelos piratas dos rios se assemelham com os procedimentos e métodos de combate dos soldados *Vietcongs* na guerra do Vietnã que a partir do uso dos lugares da selva venceram os franceses e depois os norte-americanos com técnicas de guerrilha na floresta equatorial utilizando os lugares e recursos disponíveis no meio ambiente como instrumento de combate (Gomes, 2019); bem como dos “Ratos do Deserto” e do “Grupo de Longo Alcance do Deserto” (*Long Range Desert Group*); parte de um regimento

do exército inglês no Norte da África durante a Segunda Guerra mundial que se adaptou ao deserto via as relações empreendidas e conhecimento assimilado com nômades da região: cavando túneis para fugir do calor e tempestades de areia; construindo lugares a partir de conhecimentos tradicionais que produziram fortes lugaridades para levar à vitória sobre o Exército Italiano e o Exército Alemão no Norte da África o “*Áfricacorps*” ou “*Deutsches Afrikakorps*” (Losada e Vázquez, 2009).

Dessa forma, a convivência com o problema da pirataria se torna parte do cotidiano de uma sociedade que vive lado a lado com os riscos e perigos advindos das ações realizadas por esses meliantes. Martins (2015, p. 53) comenta que “o senso comum desprovido de sentido condena irremediavelmente o homem comum ao silêncio e à condição de vítima das circunstâncias da História”.

Musil (2021, p. 31) afirma que “é bem possível que um crime que prejudique a outro lhe pareça apenas um erro social, cuja culpa não cabe ao criminoso mas à ordem social”. Reflete-se sobre a necessidade de se discutir e conhecer os de baixo, o lumpen, os excluídos, os que vivem a regra social deturpada por eles próprios, aqueles que produziram sua forma de viver o mundo a partir do presente e do imediato. Talvez a sociedade em suas ambições de planejar o futuro esquece que hoje a pobreza, as desigualdades e a violência assolam com vigor grande parte da população. Nesse contexto, propõe-se discutir a sociedade a partir do homem comum do rio Solimões, onde os marginais podem ser vistos como um erro social e também como um produto do seu espaço vivido.

AS LUGARIDADES AMAZÔNIDAS

O saber ambiental caboclo é construído na vida ribeirinha nos rios gigantes e selvagens da bacia do rio Solimões com inúmeras riquezas

naturais onde os costumes e tradições permitem o consumo de frutas, plantas e animais endêmicos da região; bem como o convívio com a flora e fauna singular e incomparável contribuindo para uma gastronomia regional *sui generis*. Essa região de planícies peculiares e clima equatorial ímpar é o lar natural dos caboclos ribeirinhos, pessoas que instrumentalizam o respeito à grandiosidade da floresta e usufruem dos benefícios do uso do ambiente e do espaço.

Esses indivíduos foram criados desde a infância nadando, brincando, caçando, pescando nas águas amazônicas; isso possibilitou que seus trajetos e itinerários pela floresta constituam o seu mundo vivido; com linguagens, pensamentos, significados e conceitos próprios que definem o seu modo-de-ser regionalizado e amazônico.

Nesse sentido, Jean Gallais (2002, p. 79) argumenta que “nas sociedades tropicais pré-industriais, a combinação das distâncias estruturais, afetivas e ecológicas introduz um espaço vivido de grande riqueza e de inesgotável variedade”. Gallais expõe que:

Para o geógrafo objetivo, a Amazônia é uma planície baixa, monótona, de cobertura vegetal muito uniforme e condições climáticas comuns. Entretanto, o amazonense vê variedade nos tipos de esteiros: vários termos possuem valor geográfico para uma mesma classificação. Uma diferença de um ou dois metros é suficiente para diferenciar os meios, mudar o tipo de floresta e, portanto, os recursos essenciais da região resultantes da colheita (Gallais, 2002, p. 74-75).

A observação de Gallais (2002) revela um tipo de prisma seletivo utilizado pelos habitantes da floresta amazônica na interpretação de sua realidade. A combinação das distâncias estruturais, afetivas e ecológicas que compõe uma interpretação do espaço vivido se adéqua aos indivíduos que vivem na Amazônia do Solimões; assim como em diversas outras “Amazônias” delimitadas e reconhecidas

Lugaridades amazônicas: uma leitura a partir dos piratas do Rio Solimões no Amazonas

Kristian Oliveira de Queiroz

a partir dos rios gigantes como do Japurá, do Juruá, do Jutai, do Madeira, do rio Negro, etc.

Esse arranjo se realiza no espaço da vida que envolve a territorialidade cabocla. Sob esse contexto, Bonnemaïson (2002, p. 107) afirma que a territorialidade é a “expressão de um comportamento vivido” que engloba a relação com o território vivido e as fronteiras existenciais, “lá onde começa o espaço”. Dessa forma, a

Territorialidade é compreendida muito mais pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território do que pela referência aos conceitos habituais de apropriação biológica e de fronteira (Bonnemaïson, 2002, p. 99-100).

Com base nisso, a leitura do território pelos piratas bem como a compreensão dos lugares e itinerários pertencentes ao seu cotidiano são fundamentais para o domínio, controle e manejo do espaço úteis para a navegação na imensidão dos rios que compõem a Bacia do Solimões-Amazonas; seus igapós, furos e paranás, uma vastidão de água doce do arquipélago amazônico.

Nesses labirintos fluviais, embarcações com tecnologias e técnicas de navegação sofisticadas possuem dificuldade de circular. Na região do Solimões próximos à Tefé não é raro Corvetas de Guerra da Marinha se perderem (Queiroz, 2020) assim como navios petroleiros no entorno de Coari encalharem em bancos de areia submersos. É necessário tripulações e comandantes experientes, acostumados à circular pela região. Via a prática e convivência aos rios amazônicos a perícia, o conhecimento e a técnica se desenvolvem juntamente com a capacidade de leitura e de navegabilidade que se apresentam como um requisito ou mesmo uma qualificação para viagens bem-sucedidas (Nogueira, 1995). A geomorfologia fluvial em constante modificação em razão do grande impacto do regime das águas (seca

e cheia) altera o curso e o leito fluvial, são perigos e riscos à navegação que compõe um dos aspectos físicos da vulnerabilidade do território amazônica.

Enfim, para se navegar na Amazônia e na região do rio Solimões há que se ter experiência, as cartas náuticas (muitas vezes antigas) que os grandes navios institucionais adotam para navegar podem levar aos confins fluviais sem saídas. Essa vivência e conhecimento dos caminhos das águas é uma propriedade cabocla utilizada pelos piratas com experiência ribeirinha em investidas noturnas ou em abordagens que requerem habilidade, entendimento e informações cruciais da dinâmica do meio ambiente regional.

Isso ajuda no reconhecimento de caminhos, atalhos e percursos que exigem habilidade e prática dos navegadores tais como os trajetos fluviais em áreas recedadas pelas forças de segurança estatais localizadas na região conhecida como Paraná do rio Copeá, um dos rios que deságuam no Solimões paralelo ao trecho Tefé-Coari; lugar de outros inúmeros rios, lagos e igarapés escolhidos como refúgios piratas pela complexa acessibilidade e o domínio geográfico dos caboclos-piratas na mobilidade dentro do mosaico das águas. O ex-pirata Jaime (nome alusivo, Coari, 20 ago 2022) afirma que “muitos piratas se escondem nas comunidades dessa região do Copeá, principalmente em São Francisco do Moura, Piteira, Codajás-Mirim situados no município de Maraã e a comunidade Bonfim na área rural de Tefé” (Figura 4).

Em contrapartida, muitos policiais dependem das informações de piratas capturados para localizar e recuperar os produtos de roubos nos seus respectivos esconderijos construídos na região. Esses lugares podem ser reconhecidos por meio de referenciais identificados por objetos naturais como uma grande árvore ou a foz ou entrada de um igarapé ou mesmo um barranco com buracos onde pássaros fazem seus ninhos.

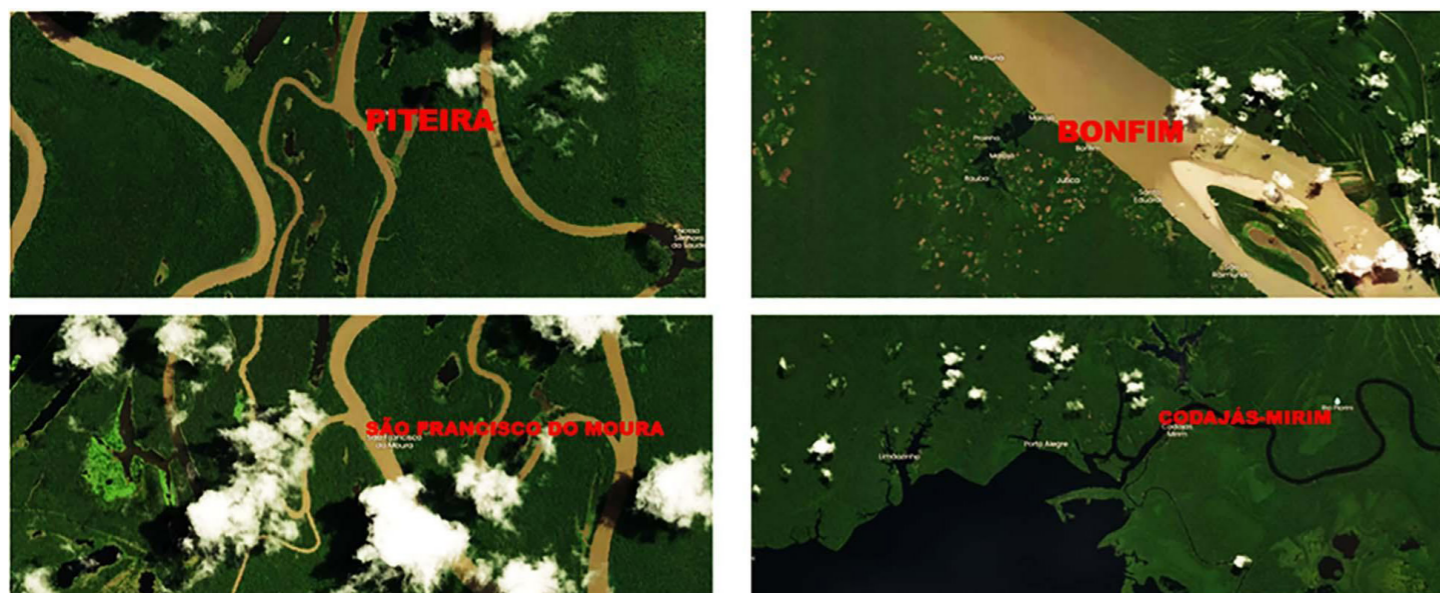


Figura 4 – Os rios, furos e igarapés das principais comunidades onde os piratas atuam na região do Solimões no Amazonas
Fonte: K. O. de Queiroz, 2023.

Para exemplificar, cita-se o caso ocorrido em 2019 quando um pirata do rio Solimões estava cercado pela polícia empreendendo fuga; no alvoroço da escapada recorreu da sua experiência na região e lembrou que podia esconder parte das drogas, armas e dinheiro roubados em um lugar onde o melhor referencial a ser utilizado para recuperá-los posteriormente era uma árvore gigante de várzea, uma Sumaúma, com mais de 60 metros de altura. Após a sua prisão com apenas parte de seu produto de roubo o sujeito não convenceu a Polícia que a mercadoria apreendida no momento era todo o material roubado (Sargento Silva, Policial Militar e combatente contra os piratas. Coari, 22 fev 2022).

Depois de alguns dias de pressão da polícia o pirata do rio Solimões resolveu confessar aos policiais onde estava o restante do material roubado. Após isso, uma diligência policial, guiada pelo pirata, se direcionou para o esconderijo informado no rio Copeá, afluente do rio Solimões, mas nada encontraram. Após um novo esforço e pressão dos policiais o meliante explanou para o motorista da embarcação: “tu tá vendo aquela Sumaúma lá no horizonte, é lá!” (Sargento Silva, Coari, 22 fev 2022). Com toda a potência disponível dos motores a lancha da polícia chegou na beira do rio distante aproximadamente 100 metros da grande árvore, e mais uma vez nada encontraram. Então o pirata afirmou em voz alta aos policiais:

“tá tudo dentro d’água” (Sargento Silva, Coari, 22 fev 2022); depois da alegação o pirata mergulhou nas águas da floresta inundada (igarapé) com uma corda nos dentes, amarrou em alguma coisa no fundo d’água e os policiais ajudaram a puxar com ajuda do empuxo dos motores da lancha da polícia; o que surgiu da água foi um grande bote de alumínio sem motor com algumas bolsas impermeáveis contendo um par de centena de quilos de maconha tipo Skank, dezenas de quilos de cocaína e armas diversas como pistolas, escopetas, espingardas e munição.

A árvore imponente no horizonte serviu como um referencial, um símbolo ou signo⁵ para que o caboclo-pirata não se perdesse perante a grandiosidade da floresta. Dessa forma, uma árvore enquanto um ente do meio ambiente passa a representar um objeto de localização ou de referência para os piratas fluviais. Sob esse enredo, discute-se Santos (2009, p. 64) quando comenta que as “coisas” representam o produto de “uma elaboração natural, enquanto os objetos seriam o produto de uma elaboração social”. Evidencia-se nesse caso que o igarapé

⁵ O signo pode ter várias representações de algo que existe; enquanto o símbolo transmite a mesma interpretação de algo que já existe.

se tornou um lugar funcional, como se os elementos visíveis na natureza fossem vistos como objetos assumindo via a representação do caboclo-pirata fins sociais definidos. No entanto, “para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço” (Lencioni, 2009, p. 155).

Desse modo, a forma como os objetos enquanto fenômenos se revelam na consciência dos caboclos-piratas por meio de sua concepção mental e interpretação subjetiva formulada a partir dos aportes culturais adquiridos em suas vivências influenciam na construção de significados diversos influenciados pela identidade regional inerente a um grupo social a que estão inseridos e que retrata uma consciência ou subjetividade coletiva. Dessa forma, “o sujeito só tem o exterior que ele se dá” (Merleau-Ponty, 2011, p. 584).

Nesse caso, a árvore enquanto um objeto natural foi um referencial espacial utilizado pelo pirata para localizar o esconderijo, tal qual uma pausa no movimento de fuga. O pirata caboclo sabia que ali perto da árvore havia um igapó com águas relativamente profundas para abrigar e afundar o produto de roubo. Reflete-se sobre o pensamento de Tuan (2011, p. 12) quando comenta que o “lugar é uma parada ou uma pausa no movimento – a pausa que permite a localização para tornar o lugar o centro de significados que organiza o espaço do entorno”. Dessa forma, o conhecimento prévio do pirata em fuga providenciou a construção de um lugar com funcionalidade específica com determinantes, concepções, sentidos e definições próprias advindas da vivência entre os itinerários percorridos no seu cotidiano, sua territorialidade e seu espaço vivido. A grande árvore de sumaúma para a polícia era apenas mais uma dentre as inúmeras existentes na região. Porém, representa a natureza apreendida aos significados humanos com

teor social e uma aplicabilidade utilizada como propriedade e atributo para a produção de um lugar.

Enfim, desde então a Polícia Militar e as forças de segurança do Estado analisam toda grande Sumaúma ou outras grandes árvores como a Castanheira nas proximidades do rio como possível referencial pirata para esconder produtos de roubo (Capitão David Nery, Subcomandante do 3º Batalhão da Polícia Militar do Amazonas. Tefé 08 out 2022).

Os lugares produzidos pelo subjetivo, o irreal e o oportuno ou construídos a partir de significados provenientes das representações oriundas de objetos naturais ou artificiais possuem sua existência funcional ou real atrelada e valorizada pelas ações humanas (Santos, 2002). O objeto como parte da vida cotidiana do homem “aparecendo como um utensílio, também constitui um símbolo, um signo” (Santos, 2009, p. 66). Muitos desses objetos naturais referenciam signos ou símbolos de uma história ocorrida na floresta com perigos e façanhas repletas de riscos inspirada em algum fenômeno proveniente de lugares atrelados a certos objetos naturais e seres míticos; destas situações surgem lendas e estórias⁶ advindas de aventuras dos povos da floresta que fazem parte do folclore da região (Cabrolié, 1996); celebrados, interpretados, reverenciados e integrados à cultura da sociedade amazônica contemporânea.

Assim, a relação do sujeito caboclo com o espaço em que está inserido; o conhecimento do objeto natural interpretado como um signo referencial no meio da selva; e o uso dos saberes apreendidos

⁶ Destacam-se: A lenda do Uirapuru; da Caipora; do Mapinguari; da Mandioca, da Vitória-régia; do Apuí; do Milho; do Vagalume; do Cuema; da Criação da Noite; do Boto; do Parauari; do Matim-tim; do Lago dos Espelhos; do Wanari; do Canuaru; do Uirapajé; da lara, entre outras (Cabrolié, 1996).

por meio dos itinerários do cotidiano que permeia a relação do homem com a Terra (sua geograficidade); representa atributos, qualidades ou propriedades para construir o lugar. Todavia, para se compreender o lugar é necessário conhecer o que o constitui, a lugaridade:

A lugaridade (qualidade própria do lugar) se funda nos seus aspectos constitutivos (como autenticidade, o encontro, o sentido do lugar, o espírito do lugar entre outros), sendo melhor entendida enquanto uma gradação, tendo níveis em contextos diferentes. Lugares autênticos seriam aqueles com forte lugaridade (Relph, 2014, p. 25).

O “lugar” enquanto um “acontecer” bem como um “realizar” é produto da geografia particular do sujeito, de suas vivências e habilidades representadas como potencialidades intrínsecas que compõe o ser-no-mundo. A expressão das relações espaciais do modo-de-ser do indivíduo é proveniente de uma lugaridade vigorosa. Neste sentido, Marandola Jr. (2020, p. 10-11) discute que:

O fenômeno lugar, pensado a partir das lugaridades de uma geografia-mais-que-extensiva, não se constitui a partir de sujeitos e objetos, mas de emergências, as quais entrelaçam de maneira essencial espaços, lugares e entes em ato, em uma topologia relacional que em sua presentificação acontecimental, não se delineia a partir de uma anterioridade histórica, mas de um acontecer [...] Poderíamos pensar que lugar é modo de ser, expresso pela lugaridade. Isso não implica trazer para a pessoa ou para o si, pois ser se manifesta nos entes, na mundanidade do ser-no-mundo. Modos de ser seria irrupção, vida, pulsação, movimento, encontro, reunião, co-pertencer, tensionamento, transpassamento, embate.

As lugaridades representam as bases para a constituição de novos lugares (Relph, 2014). Diversas formas de utilizar o território se realizam a partir da produção de lugares com fortes lugaridades, essa

qualidade do lugar expressa a condição socioespacial das pessoas em sua relação com o espaço a que estão inseridas.

A lugaridade se configura metaforicamente como a fagulha que ascende o lugar e produz sua funcionalidade social. Quanto maior a fagulha, a irrupção, o encontro, o trato, a conexão, o convívio, a relação, o sentimento de pertencimento, maior a lugaridade e o vigor do lugar.

Sob esse contexto, o entrelaçamento: i) do signo referencial (a árvore de sumaúma por exemplo); ii) do significado proveniente da leitura do ambiente pelo sujeito (no caso o caboclo-pirata; iii) da funcionalidade expressa na ação (a fuga ou produzir o esconderijo); produziu uma lugaridade com teores regionais, lugaridades amazônicas; com significados, contextos, representações e qualidades com vigorosos elementos da leitura de mundo, do modo-de-ser caboclo oriundo da tradição, dos costumes e da cultura própria da região.

Relph (2014, p. 26) alude sobre a construção do lugar e explicita que os lugares “só podem ser feitos por quem vive e trabalha neles, são tais pessoas que conseguem entender de forma conjunta as construções, as atividades e significados”. A construção de lugares com lugaridades regionalizadas se realiza por pessoas que lidam com diversas atividades laborais, de entretenimento e de vivência (ou sobrevivência) com particularidades regionais. Nos rios amazonenses tanto na pesca de subsistência quanto no banho de rio como recreação o caboclo utiliza, trabalha e produz significados e lugares com relevantes lugaridades em conjunto com os companheiros, amigos ou parentes.

Esse encontro, convivência e irrupção de acontecimentos diferenciados no bando propiciam a produção de lugares que para os caboclos-piratas assumem funções criminosas, lugaridades amazônicas com fins marginais. Alteridade marginal vinculada à elaboração de ações

nefastas longe das cidades na selva, lugares onde a honra foi substituída pela lealdade; e a liberdade acaba condicionada às regras do bando formado por sujeitos que se excluíram da vida social para se submeter ao paradoxo das autonomias dependentes da insígnia pirata dos rios amazônicos.

No entanto, o trato do caboclo-pirata com a natureza, como as árvores e os rios, é funcional. A naturalidade ou “natureza sistematizada” (Baudrillard, 2012, p. 70) organizada para uma funcionalidade definida envolve a interpretação do sujeito ou dos sujeitos para ações planejadas com o intuito de serem vantajosas para diferentes situações, principalmente aquelas passíveis aos impactos do regime das águas dos rios amazônicos, ou seja, as secas e cheias.

O território no período da seca se torna mais vulnerável para todos, tanto piratas e narcotraficantes quanto para as forças de segurança e a circulação fluvial. A locomoção se debilita em razão do surgimento das praias de água doce e dos traiçoeiros bancos de areia submersos prejudiciais para a navegação em função da possibilidade das hélices dos motores das embarcações se danificarem com uma possível colisão com o fundo raso. Nessas condições o tráfego fluvial fica mais lento, perfeito para a abordagem pirata.

Os esconderijos nas praias nos meses de julho e agosto, o verão na Amazônia, são cuidadosamente definidos pelos piratas em ações criminosas no rio Solimões. Nesse período aumenta o número de ocorrências formais (Tabela 2).

Tabela 2 – Número de ocorrência de piratas dos rios em roubos de embarcações no rio Solimões

ANO	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
2020	2	0	1	2	0	3	11	1	2	0	3	5	30
2021	2	0	0	0	1	1	3	0	9	2	1	2	21
2022	5	0	1	3	11	6	12	8	11	7	6	7	77
Total	9	0	2	5	12	10	26	9	22	9	10	14	128

Fonte: Centro Integrado de Estatística da Secretaria de Segurança Pública do Amazonas, 2022.

Porém, o resultado da estatística dos casos não condiz à realidade da Polícia em razão de muitas vítimas não registrarem o Boletim de Ocorrência na Delegacia por medo de represálias ou ameaças tanto nas comunidades em que vivem em proximidade com os piratas quanto nas cidades maiores como Tefé e Coari onde roubos em residências, aos transeuntes e às lojas ocorrem com envolvimento de piratas fluviais (Sargento Nilo, Combatente da pirataria do 3º Batalhão da Polícia Militar do Amazonas. Tefé 08 out 2022).

Menciona-se o caso de um pirata famoso preso pela Polícia Militar em 2020 em Tefé, sua experiência e trato com os esconderijos nos bancos de areia tornou quase impossível a localização dos produtos roubados, drogas e armas pelas forças de segurança. Apenas com ajuda do pirata, conduzindo a diligência de policiais às proximidades das comunidades São Francisco do Moura e Piteira (Figura 4), foi possível a recuperação dos produtos de roubo. O pirata indicava com antecedência a localização de bancos de areia submersos praticamente invisíveis aos olhos de muitos soldados assim como mostrava o caminho certo para estes caminharem na baixa profundidade do rio com água abaixo dos joelhos para empurrar a lancha evitando que encalhasse (Capitão David Nery, Subcomandante do 3º Batalhão da Polícia Militar do Amazonas. Tefé 08 out 2022). Depois de um difícil e intrincado trajeto, dentro de uma árvore morta na beira do rio seco as drogas, armas e dinheiro foram encontrados na várzea amazônica (Figura 5).

Os lugares com funções de esconderijo são construídos de forma precisa e prática, grande parte são temporários, dependem da situação. Enfatiza-se que locais

Lugaridades amazônicas: uma leitura a partir dos piratas do Rio Solimões no Amazonas

Kristian Oliveira de Queiroz

provisórios podem ser definidos antropologicamente como não-lugares (Augé, 1994), não nesse caso da construção pirata de lugares provisórios e funcionais na Amazônia, mas em outras circunstâncias sociais e geográficas. Todavia, objetos naturais como uma árvore frondosa e endêmica da região, ou objetos artificiais, como uma canoa afundada na beira do rio, representam na imensidão da selva e na excitação da fuga as fagulhas necessárias para a produção de lugares com significativas lugaridades aos piratas.



Figura 5 – O rio Solimões e uma lancha pirata apreendida em Tefé durante a seca do rio Solimões

Fonte: K. O. de Queiroz, 2023.

Ressalta-se que lugares inexpressivos podem ser reconhecidos como lugares sem lugaridades (Relph, 1976) onde o lugar não possui força para reunir pessoas ou provocar o encontro. Dessa forma, quando “a conectividade é forte, temos um lugar; no momento que ela passa ser fraca, um lugar sem lugaridade” (Nascimento, 2017, p. 68).

“A linha tênue que estabelece os limites do espaço com o lugar é a maneira com que os sujeitos lidam e se relacionam com o espaço sem deixar de considerar a sua afinidade com o mesmo” (Ramos et al, 2016, p. 4). Esse feixe de relações individuais e sociais do cotidiano compõe a forma de cada pessoa ou grupo observar, sentir, agir, expor e ser o mundo; efetuando e desenvolvendo atributos que permitem estabelecer uma familiaridade ao espaço expressa como lugaridades.

Nesse contexto, as lugaridades amazônicas advindas do vínculo dos caboclos-piratas com as pessoas das comunidades ribeirinhas da região em que vivem proporcionam a continuidade do feixe de relações no cotidiano fluvial do rio Solimões; muitas vezes não os piratas não assaltam e pagam o que consomem nas mercearias flutuantes dos pontões do grande rio (Sr. Aderilson, Ex-gerente do pontão “Telinho I”. Tefé 6 abr 2022); ocasionalmente, em situações de enfermidades ou ferimentos, procuram os serviços das Unidades Básicas de Saúde flutuantes da Prefeitura Municipal de Tefé na região do Catuá, sendo gentis com técnicos e enfermeiros, sem nunca porém largar suas armas (Sr. Bira, Técnico de Enfermagem da UBS Fluvial de Tefé. Tefé 13 ago 2022).

No entanto, os piratas enquanto bandidos apreciam serem impetuosos e perigosos às suas vítimas tanto nos assaltos ou quando estes padecem em seus esconderijos ou estão sob o seu poder em sequestros. Um taxista fluvial em Tefé alegou que quando foi vítima do ataque de piratas se atentou quando eles comentavam sobre determinados trechos do rio estarem em boas condições para pescar ou namorar assim como outros lugares do rio estarem perfeitos para fazerem um churrasco de tambaqui assado (Sr. Reinaldo, Taxista fluvial do lago de Tefé. Tefé 15 set 2022); lugares com lugaridades amazônicas construídos pelos piratas fluviais nas margens do território brasileiro.

A lugaridade enquanto a qualidade do lugar é construída com a reunião e o encontro com o outro; pessoas e situações que conectam o indivíduo à determinada fração espacial afeiçoada a partir da irrupção de significados atribuindo uma funcionalidade social e ao mesmo tempo particular ao lugar construído.

Nesse aspecto, as lugaridades e os lugares concebidos sob contextos regionalizados se revelam como resultado da construção mental e individual e do sentimento de pertencimento do ser à determinada fração regional. O uso de conceitos e interpretações formuladas por meio das experiências da “geografia particular do indivíduo” (Lowenthal, 1982, p. 135) permite a projeção e construção do lugar com fortes lugaridades. Nessa composição, o mundo vivido ou espaço vivido (Holzer, 2013) é um ente primordial para o elo geográfico entre o lugar e a região. Autores como Vidal de La Blache “propunha a Geografia não como a ciência dos homens, mas como a ciência dos lugares” (Nascimento, 2017, p. 67-68). Sob esse enfoque, reflete-se sobre os lugares vividos e as interpretações da realidade espacial:

Os lugares existem... Lugares naturais: floresta, savana, colina, vertente, rio... Lugares humanizados: arroteamentos, percursos, acampamento, aldeias temporárias ou de implantação recente... Lugares vividos: bosque sagrado, floresta temida, acampamento familiar (Fremónt, 1980, p. 169).

Os lugares podem ser descritos como objetos geográficos (Santos, 2009) assim como descrito inicialmente por Fremónt (1980, p. 167); porém quando dos lugares vividos percebe-se lugaridades resultantes das conjugações entre os lugares e as regiões. Refere-se ao sentimento de pertencimento de um indivíduo que permite qualificar um lugar e uma região.

Nesse sentido, Holzer (2013, p. 22) afirma que “a essência de ser “mundo” é de um pertencimento integral entre o ser e as coisas para as quais ele intencionalmente se volta”. O seu amor ao solo natal ou a busca por horizontes distintos dos seus revelam a necessidade inerente de estar em contato com o conhecido (o seu entorno) e com o desconhecido (a subjetividade inerente à constituição do espaço vivido).

De outro modo, Dardel (2015, p. 1-2) discorre que “uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino”. O espaço vivido por um sujeito na terra, o seu mundo vivido, expõe lugaridades e regionalidades que refletem os laços intrínsecos do indivíduo com o espaço e as forças consuetudinárias de âmbitos regionais que o influenciam.

Entretanto, os lugares são realizados e produzidos pelo/para as pessoas. Sob esse contexto:

[...] as pessoas são o seu lugar e um lugar é o seu povo, e por mais facilmente que estes possam ser separados em termos conceituais, na experiência eles não são facilmente diferenciados. Nesse contexto, os lugares são “públicos” – são criados e conhecidos por meio de experiências comuns e envolvimento em símbolos e significados comuns (Relph, 1976, p. 34).

“O lugar não é objetivo, mas resultado da subjetividade daquele que realiza a experiência” (Nascimento, 2017, p. 68). É nesse sentido que as lugaridades produzidas pelos piratas-caboclos expressam suas experiências e habilidades previamente adquiridas na vivência cotidiana da comunidade ou nas situações diversas pertinentes ao seu espaço vivido.

Por conseguinte, situações que propiciam a irrupção de lugaridades ocorrem em função de serem vividas por indivíduos que possuem

relações significativas com seu meio ambiente tal como os caboclos piratas com os rios que compõem a Bacia do rio Solimões-Amazonas; mesmo que sejam lugares de crimes são, contudo, exemplos do manejo do espaço que expressam o modo-de-ser ribeirinho e caboclo por meio de vigorosas lugaridades determinadas no acontecer, na incursão, na transgressão, no ato, no processo em que se estabelecem os lugares de suas ações criminosas.

Lugaridades estabelecidas a partir de situações geográficas (Silveira, 1999) específicas proporcionaram aos piratas fluviais constituírem os lugares que lhe permitem agir na escuridão da noite nos lagos de Coari e Tefé; assaltando embarcações ancoradas ou em movimento; afundando seus produtos de roubo ou lanchas inteiras dentro de igapós onde guardam armas e drogas para esconder da polícia e depois resgatá-las do fundo d'água; lendo a duração de tempo que o motor de certa embarcação precisa navegar para alcançar um lugar escolhido por eles para ser saqueada; e outras situações que envolvem o co-pertencer e o acontecer, lugaridades diversas com realces regionais amazônidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os riscos e perigos provenientes da presença e das ações dos piratas do rio Solimões no Amazonas revelam as habilidades, estratégias e técnicas desses sujeitos na realização da ágil mobilidade no labirinto fluvial amazônico e no uso marginal do território brasileiro envolto às desigualdades, pobreza e exclusão.

Em função disso, os piratas se apresentam como expressões do território amazônica em razão de atuarem a partir de informações, conhecimentos e práticas apreendidas no seu cotidiano, em suas

vivências e experiências inerentes ao gênero de vida caboclo nas comunidades e cidades ribeirinhas.

Isso propicia a construção de lugares a partir do conhecimento prático e da vivência inerentes aos indivíduos que cresceram no interior no Amazonas, nadando nos rios e igarapés; pescando e assando peixes nas praias; aprendendo culinárias locais como o sarapatel de tartaruga ou de tracajá; manuseando armas de caça e pesca que constituem atividades comuns entre os ribeirinhos e comunitários; cultivando frutas típicas da região como a sapota, o biribá e o cupuaçu; lendo o tempo, as chuvas e os regimes dos rios para cumprir seus compromissos e afazeres. Enfim, habilidades, técnicas e maneiras de usar os recursos e objetos naturais disponíveis no território, respeitando as limitações da floresta, convivendo com sua grandiosidade e riqueza via crenças e condutas que definem a individualidade e o modo-de-ser ribeirinho, produto também da organização social e histórica do povo da Amazônia, o povo das águas, o povo da floresta.

Por conseguinte, a autenticidade do lugar (pessoas e comunidade) se consolida frente à realidade geográfica regional. A capacidade do pirata-caboclo de sobreviver onde poucos o fazem depende de suas habilidades de apreender o que gerações inteiras aperfeiçoaram para manejar o espaço, acumulando conhecimentos úteis no trato com a terra, com a pesca e com a natureza, o saber ambiental (Leff, 2006) que providencia a consolidação de sua geografia particular; ou seja, o reconhecimento de práticas, aptidões, qualidades e técnicas advindas das experiências e vivências que promovem competências úteis para a sobrevivência.

Verificou-se que as lugaridades amazônicas produzidas exibem a relação das pessoas com o meio que as circunda, sua conexão com o espaço e com sua "realidade geográfica" (Dardel, 2015, p. 34)

repleta de signos e hábitos que caracteriza a cultura dos povos da região. No entanto, o estreito horizonte proveniente das limitações sociais e econômicas da vida cotidiana a que muitos indivíduos estão submetidos proporciona o acesso aos caminhos tortuosos, complexos e marginais. Nessa conjuntura, a pirataria fluvial no rio Solimões representa para muitos indivíduos uma saída nefasta para a sobrevivência nas margens do maior rio do Brasil; sujeitos detentores de conhecimentos oportunos e proveitosos para a vida pirata. Informações decorrentes da experiência cotidiana e do espaço vivido representados pelo saber da dinâmica do meio regional torna-se fundamental para o êxito das operações e investidas dos caboclos-piratas.

Conclui-se que a leitura da pirataria fluvial no trecho entre Tefé e Coari rio Solimões, onde os fluxos da navegação regional são relevantes na região, expõe a vulnerabilidade do território quando da parca capacidade do Estado em responder aos riscos e perigos oriundos dos ataques piratas adaptados à complexa região. Isso requer o uso de agentes de segurança que também possuam vivências caboclas e ribeirinhas no combate aos piratas e narcotraficantes. Assim como é necessária a melhor atenção tanto do governo em suprir esforços institucionais e infraestruturas para atender as carências socioespaciais primordiais dos caboclos ribeirinhos, quanto da sociedade civil para refletir e agir no intuito de mitigar os impactos da pirataria na segurança, no bem estar da população, na integração territorial e no desenvolvimento regional.

A Amazônia sempre foi palco de ações piratas no passado colonial (Cardoso, 2014; Queiroz, 2017), hoje a biopirataria, a pirataria aérea e a pirataria fluvial constituem cenários onde as relações criminosas norteiam o dia a dia dessa região de fronteira e borda territorial. Talvez seja na reflexão desse uso do território marginal, espaço que margeia

o país, a periferia da realidade socioespacial que um olhar geográfico privilegiado para a sociedade inserida em uma modernidade incompleta e anômala possa revelar de uma maneira mais clara e lúcida as debilidades do espaço.

Das injustiças que organizaram os excluídos, relações se desenvolveram em torno de ideais marginais, ao mesmo tempo em que assumem sua condição de desprezados do sistema econômico e social capitalista. Dessa forma, os piratas do rio Solimões em situação de abandono e isolamento na selva, distantes dos grandes centros na “periferia da periferia” (Gonçalves, 2005) do mundo assumem a partir de sua organização e de suas ações criminosas a condição de uma “sociedade de abandonados” (Duran, 2011, p. 127); atuam por meio de uma vida de rapina onde a violência é um instrumento de sobrevivência e sua leitura geográfica de mundo é uma ferramenta de guerra. ☉

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: O poder soberano e a vida nua I. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- ARMSTRONG, Warwick; MCGEE, Terence. G. **Theatres of accumulation**: studies in Asian and Latin American urbanization. Cambridge University Press/Methuen: London/NewYork, 1985.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. (Coleção Travessia do Século). Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema de objetos**. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. p. 83-131.

CABROLIÉ, Augusto. **Tefé e a cultura amazônica**. Juiz de Fora: Instituto Paulo Freire, 1996.

CARDOSO, Alírio. "Un piccolo pataccio al rio dell'amazzoni": pirataria europeia e projetos italianos na Amazônia na época da monarquia hispânica. **Revista de História**, n. 170, p. 175-199, jan.-jun, 2014.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DURAN, Leandro Domingues. **A construção da pirataria: o processo de formação do conceito de "pirata" no período moderno**. São Paulo: ANNABLUME; Aracaju: LAAA/NAR-UFS; Campinas: UNICAMP, 2011.

FREMÓNT, Armand. **A região, espaço vivido**. Trad. Antônio Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GALLAIS, Jean. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. p. 63-82.

GOMES, Sylvio Luccas de Sousa. **A importância das táticas e doutrinas militares empregadas na guerra do Vietnã**. Monografia (Graduação em Ciências Militares). Academia Militar das Agulhas Negras. Resende/RJ, 2019.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2005.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Revista Cidades**, v. 10. n. 17, p. 18-29, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Atlas do Censo 2010**. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias – 2017**. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LEFF, Henrique. **Epistemologia ambiental**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOSADA, Juan Carlos; VÁZQUEZ, Juan. **Mussolini sonha com um novo império – 1940 a 1941**. Coleção 70º aniversário da 2ª Guerra Mundial. v.8. São Paulo: Abril Coleções, 2009.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFELETTI, Antonio (Orgs). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL 1982.

MACHADO, Paulo César. **Segurança da navegação em hidrovias: fator fundamental para o desenvolvimento da região Amazônica**. Monografia (Graduação) - Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE). Rio de Janeiro: ESG, 2014.

MARANDOLA Jr., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. Coleção População e sustentabilidade. São Paulo: Blucher, 2014.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Lugar e lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v.19, p. 1-12, 2020.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: o cotidiano e história na modernidade anômala**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Leandro Konder e Renato Guimarães. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã I – crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas**. Coleção Síntese. Vol I. 4 ed. Trad. Conceição Jardim; Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1980.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Lugaridades amazônicas: uma leitura a partir dos piratas do Rio Solimões no Amazonas

Kristian Oliveira de Queiroz

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Trad. Lya Luft; Carlos Abbenseth. v. 1. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

NASCIMENTO, Francijonison Custodio do. Numa toca no chão vivia um Hobbit: um olhar sobre o lugar em "O Hobbit" de J. R. R. Tolkien. **Geograficidade**, v. 7, n. 1, p. 58-76, 2017.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. R. B. Geografia das representações. **Boletim Amazonense de Geografia**, Manaus: AGB, v. 2, p. 93-108, 1995.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Elementos espaciais e centralidade periférica - o caso de Tefé no Amazonas. **Acta Geográfica (UFRR)**, v. 10, p. 92-110, 2016.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Fragilidade do espaço e vulnerabilidade do território: uma perspectiva de análise a partir dos piratas do rio Solimões. In: LIMA, Aldo Rodrigues de; SANTANA, Edilane da Silva (Orgs). **Reflexões geográficas do Solimões**: coletânea de artigos do Escritório Geográfico-Ambiental (EGA). Manaus: BK Editora/EGA, 2022.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Globalização e integração territorial – o caso da região de Tefé no Amazonas. **Confins Revue**, v. 35, n. 35, 2018.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Integração e globalização relativizada** – uma leitura a partir de Tefé no Amazonas. Manaus: UEA Edições, 2017.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Modernização pretérita e o vigor do atraso** - uma leitura geográfica do transporte fluvial e do uso dos recursos naturais na região do Solimões no Amazonas. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Transporte fluvial no Solimões: uma leitura a partir das lanchas Ajato no Amazonas. **Geosp – Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 2, p. 322-341, ago. 2019.

RAMOS (et all). Lugar e lugaridade do Folgado Cacumbi do Mestre Deca – Laranjeiras/SE. **Anais... X Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"**. São Cristóvão/SE, 2016.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pilon, 1976.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: Marandola Jr, Eduardo; HOLZER, Wether; OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2009.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1 ed. São Paulo: EdUSP, 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5 ed. São Paulo: EdUSP, 2012.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, Ano IV, n. 6, jan./jun., 1999.

TRINDADE JR, Saint-Clair da. Cidades na floresta: os "grandes objetos" como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. **Revista IEB**, n. 5, p. 113-137, mar./set. 2010.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 01, n. 01, p. 4-12, 2011.

VIGNOLES, Patrick. **A perversidade**: ensaio e textos. Trad. Nícia Adan Bonatti, Campinas: Papirus, 1991.

Submetido em fevereiro de 2023.

Revisado em julho de 2023.

Aceito em agosto de 2023.